

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

UM VIRAR DE PÁGINA

por Mário Soares

1. As medidas anunciadas pelo primeiro-ministro e pelo ministro das finanças, com a gravidade que se impunha, representam um virar de página, isto é: uma nova fase, política e económico-financeira, dura para todos, embora, como de costume, mais para uns do que para outros. Foi um acto de coragem do Governo, incontestável - não é fácil impor medidas impopulares - reclamado há algum tempo, em todos os tons, pela maioria dos economistas, banqueiros e empresários. Claro que a Oposição da Esquerda radical criticou o Governo e as medidas tomadas, bem como os Sindicatos. Até alguns

comentadores que as exigiram, começaram logo, após anunciadas, a encontrar razões de queixa...

Era de esperar. Mas poderia este Governo - ou qualquer outro - proceder, realisticamente, de outra maneira? A questão é essa. Porque Portugal é membro da União Europeia - e pertence ao espaço euro - ora as recomendações vieram da Comunidade: do Banco Central Europeu e também da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico), com meios de pressão fortíssimos ao seu dispor, como as avaliações sucessivas das agências de rating (uma invenção do neo-liberalismo, ao serviço de interesses inconfessáveis) e a subida das taxas de juro para os empréstimos pedidos pelo Estado e pelas empresas privadas, incluindo os bancos.

O Estado português não tinha outra saída. Como a Grécia não teve, nem a Irlanda teve, ou a Espanha e

outros Estados-membros, que irão aparecer. Poderia Portugal ter-se antecipado? Talvez. Mas a situação não mudaria muito, salvo talvez, nos cortes, ao despesismo do Estado, incluindo todos os Órgãos de Soberania, Regiões Autónomas, Autarquias, Institutos, Empresas Públicas e Comissões ad hoc criadas para aconselhar o Governo. Nessa hipótese, haveria porventura mais tempo para estudar as medidas, com mais equidade e rigor.

Quem não gosta de salários mais altos e de ter maior desafogo nas contas próprias? O descontentamento causado é, pois, natural. Mas as pessoas mais informadas compreenderam que - de momento - não havia outro caminho. Por isso entendem, maioritariamente, que é necessário um acordo entre os líderes - do PS e do PSD - para que o Orçamento passe. Como tenho dito, estou convencido que esse acordo será feito, nem que seja pela abstenção do PSD...

Em relação às medidas anunciadas, vai haver, seguramente, protestos e manifestações. Constituem desabaços legítimos. Mas não creio que possam mudar alguma coisa, porque não há, de momento, repito, qualquer alternativa credível. A menos que se queira que caiamos no caos ou num novo PREC, de má memória. É que o dinheiro para valer aos que não o têm, deve vir de algum lado...

A crise que vivemos, é global. E julgo que está longe de ter passado. Tem a ver com a desregulação do capitalismo especulativo-financeiro virtual. Com os "paraísos fiscais" e as grandes negociatas ilegais, que por lá passaram e continuam, impunemente, a passar. A União Europeia nunca quis - e ainda não quer - encarar de frente a crise, em todos os seus aspectos. Não se atreve a mudar de paradigma. Não foi capaz sequer de definir um plano estratégico concertado de ataque à crise, assumido pelos 27 (ou mesmo só pelos 16) Estados-membros. Por isso -

mas não só, a falta de lideranças, também tem sido responsável - está a entrar em lenta decadência, insistindo nas receitas economicistas e obsoletas do neo-liberalismo, impostas pelo Banco Central Europeu, de reduções drásticas dos déficits e dos endividamentos públicos e privados externos. Sem compensar tais medidas com outras de carácter ambiental e social - como a luta contra o desemprego, contra a pobreza e as desigualdades - de modo a evitar a recessão e a reforçar a coesão social dos diferentes Estados.

Portugal deve evitar uma crise política - que agravaria a situação financeira actual - mas quanto à agressão dos mercados financeiros não está, por enquanto, pior do que a Irlanda ou a Espanha. Ou mesmo de certos "grandes", como a Itália, a França, o Reino Unido e talvez mesmo a própria Alemanha, que tem um deficit que atinge os 6%. A situação europeia é muito grave, temos todos de ter consciência disso. A continuar assim,

poderemos ser conduzidos à desagregação da União Europeia, o que seria uma tragédia. Não só para os europeus mas para o Mundo em geral. Leiam-se os últimos livros dos Nobel da economia, Stiglitz e Krugman...

Portugal que tanto beneficiou em ser membro de pleno direito da CEE e depois da União Europeia, desde há 25 anos, se agora deixasse de o ser, só agravaria, muito mais ainda, a situação de crise em que se encontra. Quanto a isso, ao menos, há, parece, unanimidade...

A lenta decadência da União Europeia

2. Tenho escrito, nesta coluna, muito sobre a decadência em que se encontra a União. Os perigos em que incorre vão-se agravando. Temos todos de lutar contra esse fenómeno. Mas os responsáveis políticos, em especial, porque devem discutir esta questão fulcral com os seus pares europeus e, em conjunto, encontrar as soluções que se impõem, dadas as mudanças mundiais

que estão a ocorrer, e que a União Europeia não pode nem deve ignorar. Não creio que o tenham feito, até agora.

Os dirigentes europeus não alinharam com o Presidente dos Estados Unidos, quando este definiu, desde o início do seu mandato, a necessidade de um novo paradigma de desenvolvimento. Que queria ele dizer? Que houve responsáveis da crise e instituições nefastas que não podem ficar impunes. E que são precisas mudanças de fundo, que a União Europeia não deseja.

É preciso que o modelo de desenvolvimento, tentando regulamentar a globalização, dotando-a de princípios e condutas éticas e com políticas que imponham regras aos mercados, para que estes não obedeçam somente ao lucro pelo lucro. Porque, não o esqueçamos, as pessoas contam mais do que o dinheiro.

Na Europa, infelizmente, o neo-liberalismo vigora, como se não tivesse havido crise e nada de anormal ocorresse. Daí o afastamento da União Europeia da política de Obama, ainda que muitas das medidas anunciadas, pelo Presidente dos Estados Unidos, não tenham podido ser ainda implementadas. Num momento histórico em que os Estados emergentes, quase na sua totalidade - e os que estão em crescimento acelerado - começam a pensar as suas políticas em termos globais, a União Europeia não deve afastar-se da América de Obama, nem do Ocidente (América Latina) ignorando o que se passa no Mundo. A União, mais do que nunca, precisa de ter uma estratégia concertada para não perder o lugar que teve no Mundo. Não pode continuar voltada para o seu umbigo e com cada vez mais afloramentos nacionalistas, de um outro tempo, entre os seus Estados-membros...

A grande manifestação de Washington

3. A campanha dos republicanos e do Tea Party contra a política de Barack Obama tem sido de uma violência enorme e provocou vários estragos. Obama ainda não pôde tomar muitas medidas que os progressistas do Mundo inteiro gostariam de ver realizadas. Apesar de ter feito muito quer no plano externo como no interno. Para além da esperança que, com os seus magníficos discursos, trouxe ao Mundo. Ora, sem esperança, o Mundo ficaria muito mais incerto e inseguro, do que já está.

No sábado passado teve lugar em Washington uma manifestação colossal que terá ajudado a esquerda americana e o Partido Democrata a renovar a esperança nas medidas anunciadas nas eleições de 2008. Mobilizaram-se os Sindicatos (a AFLC-CIO), os imigrantes, os verdes, a Associação dos Afro-Americanos (NAACP), os homossexuais e as Igrejas Batistas negras. O tema era: "Uma nação - emprego, igualdade e paz". E as associações anti-guerra gritaram: "Jobs, not war!" Obama e alguns dos

seus descontentes - como sabem que nem tudo se pode fazer de um momento para outro - estão a tentar "despertar a maioria silenciosa" e os democratas apáticos. E há também os que votam pela primeira vez e cujo voto é importante ganhar. A manifestação deve ter contribuído bastante para isso.

Obama disse: "Democratas acordem! Realizámos um número de coisas incríveis, nas condições mais adversas". É verdade! Seria um recuo extraordinário se os democratas não voltassem a ter maioria nas eleições a meio do mandato. Não só para os Americanos, mas para o Mundo. Seria o regresso ao tempo de Bush-Cheney ou ainda pior.

Um atentado aos Direitos Humanos

4. Visitei, várias vezes a Colômbia, que é um País lindíssimo, de grande variedade e riqueza, com uma velha tradição democrática. Conheço razoavelmente Bogotá e Cartagena de las Indias, onde conheci, em sua casa, o grande escritor colombiano, Garcia Marquez, que muito admiro.

Vem isto a propósito de um apelo que recebi da deputada portuguesa, Rosa Maria Albernaz e da Esposa (portuguesa) do ex-Senador da Colômbia, Álvaro Araujo Castro, preso sem julgamento há 4 anos. Trata-se de uma prisão arbitrária, que terá resultado de um complexo jogo político de vinganças, com total desrespeito pelos Direitos Humanos. Suas Filhas são meio portuguesas por sua Mãe, embora nascidas na Colômbia e estão a ser muito afectadas pelo afastamento compulsivo do Pai.

Sucedem que as relações entre a Colômbia e Portugal sempre foram excelentes. Com visitas recíprocas dos dois sucessivos Chefes de Estado. No Parlamento português vários deputados têm conhecimento desta prisão ilegal, que se prolonga sem razão e que humanamente toca as pessoas que dela têm conhecimento.

Por isso, me permito apelar, para o recém-eleito Presidente da República da Colômbia, Juan Manuel Santos, com todo o respeito, solicitando-lhe que faça o que puder pela libertação de Álvaro Araújo Castro, vítima de uma prisão sem fundamento legal, que se perpetua. Ele merece. Trata-se de um homem político respeitado, cuja carreira foi arbitrariamente interrompida e que pertence a uma família muito considerada de políticos do norte da Colômbia. Seria um excelente sinal de humanidade e de respeito pelos Direitos Humanos, se fosse libertado, como é de Justiça. Só seria útil à imagem da Colômbia no

Mundo, num momento de apaziguamento que normalmente ocorre, quando um novo Presidente inicia o seu mandato.

Lisboa, 5 de Outubro de 2010